

A doença crônica que contamina todo o país

■ Enquanto o Hospital da Lagoa não consegue gastar toda a sua verba, em Pernambuco falta tudo

Mogi das Cruzes, SP — Murilo Menon

Nove meses é o prazo máximo que a natureza humana estabeleceu para re-produzir-se. Curiosamente, é esse também o tempo que um segurado da Previdência precisa aguardar se, para continuar vivo, depender de uma cirurgia no Hospital Getúlio Vargas, o maior da rede do Inamps em Pernambuco. Uma espera que abala os nervos do paciente Mário Oliveira, um jardineiro de 28 anos, dependente de uma operação no aparelho urinário. "Já perdi a conta das vezes que vim ao Getúlio Vargas", reclama Oliveira, alinhado numa fila com 3 mil pessoas.

São doentes que ainda não preenchem requisitos médicos característicos dos casos agudos — tratados em condições de emergência. Para isso, porém, precisam de sintomas mais graves e de dores mais fortes. Movido por esses estranhos desígnios, os mecanismos de atendimento à saúde da população criam para o doente o paradoxo de sentir-se tão mais reconfortado quanto maior for a letalidade do mal que o ataca.

Foi assim com José Tavares de Lira, internado aos 78 anos para operar a próstata e despachado do hospital 10 dias depois. Antes até que fosse conhecido o diagnóstico sobre a natureza do tumor que lhe extirparam. "E se for um mal maior e precisar operar de novo?", pergunta-se Lira, aterrorizado com a possibilidade de voltar à disputa por um

dos 180 leitos do Getúlio Vargas atendidos por 717 médicos e funcionários diversos ou 3,9 pessoas por leito — menos da metade dos oito que a Organização Mundial de Saúde recomenda como a relação ideal funcionários/leito.

A extrema anemia do Getúlio Vargas exibe um pavoroso contraste no confronto com o nutrido quadro de funcionários e médicos que engorda a folha do Hospital da Lagoa, um dos maiores do Inamps no Rio de Janeiro. São 10,5 profissionais para cada um dos 196 leitos em funcionamento. Enquanto em Recife o diretor do hospital, Luis Domingues, batalha para encaixar em seu magro orçamento 399 contratações, sobram — pelos padrões da OMS — 490 profissionais no Lagoa, um hospital que ano passado devolveu ao governo NCz\$ 134.146,25 que não conseguiu gastar.

Trilha — Ainda assim, ninguém consegue ali uma cirurgia eletiva em menos de quatro meses. "Já está tudo marcado", confirma o pediatra José Alberto de Oliveira, chefe da Coordenação Médica. "Só conseguimos remanejar para outros hospitais que tenham disponibilidade", explica. O remanejamento, no entanto, costuma abrir para o doente uma trilha em que a solução do seu caso parece estar sempre adiante do guichê em que ele desembarca. Como Luis Carlos Pereira, 26 anos e Cr\$ 5 mil de salário, que às 11h de sexta-feira completava um mês de caminhadas com a mãe, Idalina,

para livrá-la de um abscesso no peito, logo abaixo do osso esterno.

"Quando começou era como uma espinha", relata Luis Carlos, que mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, e levou Idalina à Clínica São José, também do Inamps. De lá, saiu com uma receita "que custou 840 pratos e não adiantou nada. Quando cheguei aqui, o médico olhou a receita e disse que estava tudo errado. Mas o novo tratamento já tem 15 dias e tá na mesma", desespera-se, olhando Idalina encolhida de dor e espremida com mais 20 pessoas num banco de madeira no 1º andar do hospital.

A longa espera por cirurgias e consultas é doença incurável no atual sistema de saúde do país. Em Recife, a dona-de-casa Amara Costa, 37 anos, já foi socorrida quatro vezes na emergência do Getúlio Vargas para aplacar as fortes dores que sente no estômago, enquanto espera há um mês pela consulta com um gastroenterologista — o hospital tem apenas 135 médicos para atender a 15 mil pacientes por mês no ambulatório.

Mas não faltam apenas médicos. "Desde março convivemos com uma distribuição desorganizada das verbas", queixa-se o diretor do Getúlio Vargas. Na semana passada, por exemplo, por falta de dinheiro chegou a faltar o prosaico fio de sutura sem o qual nem cirurgias de emergência podem ser feitas.



O edifício do Ministério do Trabalho é tão grande quanto o da sede em Brasília